

A Espada

Luís Fernando Veríssimo

Adaptação de
Júlio Wagner Aguiar Silva

A Espada - Luís Fernando Veríssimo

Uma família de classe média alta. Pai, mulher, um filho de sete anos. É a noite do dia em que o filho fez sete anos. A mãe recolhe os detritos da festa. O pai ajuda o filho a guardar os presentes que ganhou dos amigos. Nota que o filho está quieto e sério, mas pensa: “É o cansaço”. Afinal ele passou o dia correndo de um lado para o outro, comendo cachorro-quente e sorvete, brincando com os convidados por dentro e por fora da casa. Tem que estar cansado.

– Quanto presente, hein, filho?

– É.

– E esta espada. Mas que beleza. Esta eu não tinha visto.

– Pai...

– E como pesa! Parece uma espada de verdade. É de metal mesmo. Quem foi que deu?

– Era sobre isso que eu queria falar com você.

O pai estranha a seriedade do filho. Nunca o viu assim. Nunca viu nenhum garoto de sete anos sério assim. Solene assim. Coisa estranha... O filho tira a espada da mão do pai. Diz:

- Pai, eu sou Thunder Boy.
- Thunder Boy?
- Garoto Trovão.
- Muito bem, meu filho. Agora vamos pra cama.
- Espere. Esta espada. Estava escrito. Eu a receberia quando fizesse sete anos.

O pai se controla para não rir. Pelo menos a leitura de história em quadrinhos está ajudando a gramática do guri. “Eu a receberia...” O Guri continua.

- Hoje ela veio. É um sinal. Devo assumir meu destino. A espada passa a um novo Thunder Boy a cada geração. Tem sido assim desde que ela caiu do céu, no vale sagrado de Bem Tael, há sete mil anos, e foi empunhado por Ramil, o primeiro Garoto Trovão.

O pai está impressionado. Não reconhece a voz do filho. E a gravidade do seu olhar. Está decidido. Vai cortar as histórias em quadrinhos por uns tempos.

– Certo, filho. Mas agora vamos...

– Vou ter que sair de casa. Quero que você explique à mamãe. Vai ser duro para ela. Conto com você para apoiá-la. Diga que estava escrito. Era meu destino.

– Nós nunca mais vamos ver você? – pergunta o pai, resolvendo entrar no jogo do filho enquanto o encaminha, sutilmente, para a cama.

– Claro que sim. A espada do Thunder Boy está a serviço do bem e da justiça. Enquanto vocês forem pessoas boas e justas poderão contar com a minha ajuda.

– Ainda bem. – diz o pai.

E não diz mais nada. Porque vê o filho dirigir-se para a janela do seu quarto, e erguer a espada como uma cruz, e gritar para os céus “Ramil!”. E ouve um trovão que faz estremecer a casa. E vê a espada iluminar-se e ficar azul. E o seu filho também.

O pai encontra a mulher na sala. Ela diz:

- Viu só? Trovoada. Vá entender este tempo.
 - Quem foi que deu a espada para ele?
 - Não foi você? Pensei que tinha sido você.
 - Tenho uma coisa pra te contar.
 - O que é?
 - Senta, primeiro.
 - Então, o que você tem para me falar? O marido olha a esposa apreensivo e preocupado:
 - O nosso filho é um brumano.
 - É um quê?
 - Um brumano. É filho de bruxo com humano.
 - Você está viajando na maionese, só pode ser isso, né.
- Diz a esposa assustada.
- Eu nunca falei tão sério na minha vida, amor.
 - Me diz como ele é um brumano se tem pais humanos?
 - E quem disse que eu sou humano? Eu sou um bruxo!
 - O quê? E por que você nunca me falou isso antes?

- Eu descobri há alguns dias atrás, quando eu fui fazer aqueles exames para saber o porquê daquelas dores que eu estava sentindo, e o médico disse que eu tenho sangue de bruxo.

- E você ia esperar até quando para me contar isso?

- Desculpa, é que eu não queria te deixar preocupada. Mas isso não importa no momento. Como que vamos contar isso para o nosso filho?

- Quem vai falar é você, foi você quem revelou isso para mim.

- Está bem! Responde o marido entristecido.

- Mas e aquela espada?

- Fui eu que mandei para ele. Eu queria que ele tentasse descobrir sozinho, já que os bruxos atualmente têm o costume de usar espada, não queria que ele pensasse que é um super-herói.

- Eu não tenho nem palavras para descrever a minha consternação. Vou deitar, boa noite.

No dia seguinte, o menino está assistindo TV, quando é surpreendido pelo pai.

- Filho, nós podemos conversar?
- Claro, pai.
- Meu anjo, você é um brumano.
- Eu sou o quê?
- Um brumano. São filhos de bruxos com humanos.
- Eu sou super-herói, pai. Não esse negócio que o senhor falou.
- Mas é a mais pura verdade, meu amor.
- Então se eu sou esse tal de brumano aí, quem me enviou a espada?
- Fui eu. O papai tinha o propósito de que você descobrisse sozinho, já que você pesquisa muito sobre super-heróis e bruxos, então provavelmente iria saber.
- Então eu sou o bruxo Garoto Trovão. Espera aí, se eu sou metade bruxo, eu tenho poderes.
- Hety Theul! Ao dizer essa palavra, o garoto, acidentalmente, levita o pai e o joga no chão.
- Werner! - Desculpa, pai. Eu vou para o meu quarto.

- Te amo, filho.
- Também te amo.
- Não acredito que eu sou um bruxo. Já que eu sou poderoso, vou pesquisar um livro de bruxaria na internet. Nossa! Cada feitiço bom nesse livro. Vou anotar! Mãe, pai... Vem aqui, por favor.
- O que foi, filho?
- Larroul Demafê! Ao dizer essas palavras, o filho desaparece e volta imediatamente.
- Incrível, filho! Mas por favor, pare de estudar bruxaria, não é só porque você descobriu isso, que significa que tem de estudá-la.
- Está ficando tarde, vamos dormir! Os pais vão para a cama e a criança toma uma decisão.
- Vou fugir! Consigo encarar sozinho o mundo com os meus poderes.
- Larroul Demafê! O menino desaparece com essa fala. Após fugir de casa, a criança vai fazendo maldades pelas ruas, até que no dia seguinte os pais procuram por ele.

- Filho? Cadê você? Não adianta se esconder.
- Amor!
- O que foi?
- O nosso filho sumiu!
- Quê? Não acredito!
- Já sei! Eu instalei um chip nele que mostra a localização exata dele. O chip também mostra o que ele está fazendo. Não pode ser!
- O quê?
- Ele está devastando o mundo com várias maldades. O poder subiu a cabeça dele com a descoberta. Ele está destruindo cada vez mais o planeta. E só tem um jeito!
- Qual?
- Eu vou ter que me mandá-lo para outra dimensão onde terá um treinamento específico com o nosso Bruxo Mor Heidrunno e aos 18 anos poderá retornar para nossas vidas.

- Quê? Por quê?
- Querida, se não fizermos isso ele se perderá e eu o amo muito para deixar q isto aconteça.
- Certo, meu amor, faça isso então. O amor a nossa família deve prevalecer.

(Adaptação da crônica de Luiz Fernando Veríssimo, realizada por Júlio Wagner Aguiar Silva, 12 anos, 8^o Ano do Ensino Fundamental, em 15 de julho de 2020)